

O retorno de Engels*

JOHN BELLAMY FOSTER**

* * *

Poucas parcerias políticas e intelectuais podem rivalizar com a de Karl Marx e Friedrich Engels. Eles não apenas escreveram, como se sabe, o *Manifesto [do Partido] Comunista*, em 1848, ao mesmo tempo que participavam das revoluções sociais daquele ano, mas também duas obras anteriores – *A sagrada família*, em 1845, e *A ideologia alemã*, em 1846.

No final da década de 1870, quando os dois socialistas científicos, enfim, puderam viver próximos e conversar um com o outro diariamente, eles frequentemente caminhavam de um lado para o outro no escritório de Marx, cada um em seu canto da sala, marcando o chão com seus calcanhares, enquanto debatiam seus vários planos, ideias e projetos. Frequentemente, eles liam um para o outro as passagens de seus trabalhos ainda em progresso (Aveling, s.d., p.186). Engels leu o manuscrito completo de seu *Anti-Dühring* (no qual Marx contribuiu com

* Título original em inglês: “The return of Engels”. Publicado originalmente em *Monthly Review*, v.68, n.10, 2017. Disponível em: <<https://monthlyreview.org/2017/03/01/the-return-of-engels>>. Este artigo é uma versão revisada de um ensaio anterior de mesmo título, publicado on-line na *Jacobin*, em 28 de novembro de 2016, para celebrar o 196º aniversário do nascimento de Engels. Disponível em: <<https://www.jacobinmag.com/2016/11/engels-marx-ecology-climate-crisis-materialism>>. Tradução do inglês por Felipe Cotrim. (N. T.)

** John Bellamy Foster é editor da *Monthly Review* e professor de Sociologia na Universidade de Oregon. Escreveu amplamente sobre economia política e estabeleceu reputação como um importante sociólogo ambiental. É autor de *Marx’s Ecology: Materialism and Nature* (2000), *The Great Financial Crisis: Causes and Consequences* (com Fred Magdoff, 2009), *The Ecological Rift: Capitalism’s War on the Earth* (com Brett Clark e Richard York, 2010), e *The Theory of Monopoly Capitalism: An Elaboration of Marxian Political Economy* (nova edição, 2014), entre muitos outros. Website: <<http://johnbellamyfoster.org/>>. (N. T.)

um capítulo) para Marx antes de sua publicação. Marx escreveu uma introdução para o *Socialismo: utópico e científico*. Após a morte de Marx, em 1883, Engels preparou os volumes dois e três de *O capital* para a publicação, a partir dos rascunhos deixados por seu amigo. Se Engels estava, como era o primeiro a reconhecer, à sombra de Marx, ele era também um gigante intelectual e político por seu próprio direito.

Contudo, por décadas, acadêmicos sustentaram que Engels rebaixou e distorceu o pensamento de Marx. Conforme observou John L. Stanley em seu escrito póstumo, *Mainlining Marx*, de 2002, tentativas de separar Marx de Engels – para além do fato óbvio de que eles eram dois indivíduos distintos com interesses e talentos diferentes – assumiram mais e mais a forma de desassociar Engels, estigmatizando-o como a fonte de tudo que é repreensível no marxismo, de Marx, glorificado como a personificação do homem de letras civilizado e, ele próprio, um não marxista (Stanley, 2002).

Há mais de quarenta anos, em 12 de dezembro de 1974, fui ouvir uma palestra de David McLellan, “Karl Marx: as vicissitudes de uma reputação”, na The Evergreen State College, em Olympia, Washington. No ano anterior, McLellan (1973 [1990]) havia publicado *Karl Marx: vida e pensamento*, que eu estudara com atenção. Portanto, entrei ansioso no auditório para ouvir sua exposição. Entretanto, o que escutei foi profundamente desconcertante. A principal mensagem de McLellan naquele dia foi simplesmente que Karl Marx *não* era Friedrich Engels. Para descobrir o Marx autêntico, era necessário separar o trigo de Marx do joio de Engels. Fora Engels, afirmou McLellan, quem introduzira o positivismo no marxismo, apontando para a Segunda e Terceira Internacionais e, finalmente, para o stalinismo. Alguns anos mais tarde, McLellan (1977 [1979]) apresentou algumas dessas críticas em sua breve biografia, *As ideias de Engels*.

Foi esta minha primeira introdução à perspectiva anti-Engels que emergiu como uma característica definidora da esquerda acadêmica ocidental e que estava intimamente conectada com a ascensão do “marxismo ocidental” como uma tradição filosófica distinta – em oposição ao que era algumas vezes nomeado como marxismo oficial ou soviético. Neste sentido, o marxismo ocidental tinha como seu principal axioma a rejeição à dialética da natureza de Engels, ou “dialética meramente objetiva”, conforme Georg Lukács (1968 [2003]).

Para a maioria dos marxistas ocidentais, a dialética era uma relação de identidade entre sujeito-objeto: podíamos compreender o mundo na medida em que o fizemos. Essa perspectiva crítica constituía uma correção bem-vinda ao positivismo cru que havia contaminado boa parte do marxismo e que fora racionalizado pela ideologia soviética oficial. Contudo, havia também o efeito de pressionar o marxismo para uma direção mais idealista, conduzindo ao abandono da longa tradição de compreender o materialismo histórico relacionado não somente com as humanidades e a ciência social – e, claro, a política –, mas também com a ciência natural materialista.

Depreciar Engels se tornou um passatempo popular na esquerda acadêmica, sendo que algumas figuras como, por exemplo, o teórico político Terrel Carver, construíram toda sua carreira a partir disso. Uma manobra comum foi usar Engels como um dispositivo para extrair Marx do marxismo. Conforme Carver escreve em 1984: “Karl Marx negava ser um marxista. Friedrich Engels repetiu o comentário de Marx, mas falhou em assumir sua opinião. De fato, é evidente que Engels foi o primeiro marxista e é cada vez mais aceito que ele de alguma forma inventou o marxismo”. Para Carver, Engels não cometeu somente um pecado cardeal ao inventar o marxismo, mas também cometeu inúmeros outros pecados, tal como promover semi-hegelianismo, materialismo, positivismo e dialética – todos os quais ele diz estarem a “milhas de distância do minucioso ecletismo de Marx”.

A ideia mesma de que Marx possuía “uma metodologia” foi atribuída a Engels e, portanto, declarada falsa. Removido de sua associação com Engels e despojado de todo conteúdo determinado, Marx poderia ser aceito com facilidade pelo *status quo* como uma espécie de precursor intelectual. Conforme Carver afirmou recentemente, sem qualquer aparente senso de ironia, “Marx *era* um pensador liberal”.¹

Porém, a maioria das críticas a Engels foram direcionadas a seu alegado cientificismo em *Anti-Dühring* e ao seu inacabado *Dialética da natureza*. McLellan em sua biografia de Engels assevera que o interesse do último pela ciência natural “o fez enfatizar uma concepção materialista da natureza em vez da histórica”. Engels foi acusado de trazer “o conceito de matéria” para o marxismo, que era “inteiramente estranho à obra de Marx”. Seu [de Engels] principal erro foi a tentativa de desenvolver uma dialética objetiva que abandonou “o lado subjetivo da dialética”, e que conduziu “à gradual assimilação das concepções de Marx em uma perspectiva científica do mundo”.

“Não é surpreendente”, acusou McLellan (1977, p.79-107), “que, com a consolidação do regime soviético, as vulgarizações de Engels se tornaram o principal conteúdo filosófico dos manuais soviéticos”. Assim como Marx fora gradualmente apresentado como um intelectual refinado, Engels foi visto mais e mais como um vulgar popularizador. Engels assim serviu, no discurso acadêmico sobre o marxismo, como um conveniente bode expiatório.

Entretanto, Engels também teve seus admiradores. O primeiro sinal real de inversão em sua sorte declinante dentro da teoria marxista contemporânea emergiu com *A miséria da teoria*, do historiador E. P. Thompson, em 1978, no qual se dirigia fundamentalmente contra o marxismo estruturalista de Louis Althusser. Aqui Thompson defendeu o materialismo *histórico* contra uma teoria abstrata e hipotética divorciada de qualquer sujeito histórico e de todos os pontos de refe-

1 Cf. Carver (1984, p.261-278; 2016a). Para uma crítica da perspectiva de Carver, ler Stanley (2002, p.32-33, 50-54, 123-30). Ler também a resenha de Carver (2016b) sobre *Karl Marx*, de Gareth Steadman Jones, onde nos é dito que em seu projeto político Marx simplesmente “aspirava contribuir para um amplo movimento popular em prol de instituições democráticas”.

rência empíricos. No processo, ele [Thompson] valentemente – e no que sempre considere como um dos pontos altos da literatura inglesa do final do século XX – defendeu aquele “velho bufão do Friedrich Engels”, que fora alvo de muitas das críticas de Althusser.

Sobre estas bases, Thompson (1978 [1981], p.50-57) construiu a defesa de uma espécie de empirismo dialético – o que ele [Thompson] mais admirava em Engels – como essencial para uma análise histórico-materialista. Alguns anos mais tarde, Paul Sweezy (1981, p.11-25), economista marxista e editor fundador da *MR* [*Monthly Review*], iniciou seu *Four Lectures on Marxism* [Quatro aulas sobre o marxismo], reafirmando com ousadia a importância da abordagem de Engels para a dialética e sua crítica às perspectivas mecanicistas e reducionistas.

Porém, a verdadeira virada que iria restaurar a reputação de Engels como um grande teórico do marxismo clássico ao lado de Marx não veio de historiadores ou economistas políticos, mas sim de um cientista natural. Em 1975, Stephen Jay Gould, escrevendo na *Natural History*, celebrou abertamente a teoria da evolução humana de Engels, que enfatizava o papel do trabalho, descrevendo-a como a mais avançada concepção do desenvolvimento evolutivo humano da era vitoriana – antecipando a descoberta antropológica do século XX, o *Australopithecus africanus*. Alguns anos mais tarde, em 1983, Gould estendeu seu argumento no *New York Review of Books*, apontando que todas as teorias da evolução humana foram teorias da “evolução biocultural” e que “a melhor defesa no século XIX da evolução biocultural fora desenvolvida por Friedrich Engels em seu extraordinário ensaio de 1876 (publicado postumamente no *Dialética da natureza*), *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*”.²

O sociólogo e doutor em Medicina Howard Waitzkin consagrou muito do seu marcante livro de 1983, *The Second Sickness* [A segunda doença], para o papel pioneiro de Engels como um epidemiólogo social, mostrando como ele, aos 24 anos de idade, enquanto redigia *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de 1844, havia explorado a etiologia da epidemia por caminhos que anteciparam posteriores descobertas da saúde pública. Em 1985, Richard Lewontin e Richard Levins apresentaram o agora clássico *The Dialectical Biologist* [O biólogo dialético], com sua mordaz dedicatória: “Para Friedrich Engels, que errou muitas vezes, mas acertou onde importava”.

Os anos 1980 presenciaram o nascimento de uma tradição ecossocialista no marxismo. Na primeira etapa do ecossocialismo, representado pelo trabalho pioneiro de Ted Benton, Marx e Engels foram criticados por não terem considerado os limites naturais malthusianos com a devida seriedade. Entretanto, no final dos anos 1990, os debates subsequentes abriram caminho para uma segunda etapa, iniciada com *Marx and Nature* [Marx e natureza], de Paul Burkett, em 1999, que buscou explorar os elementos ecológicos a serem encontrados nos próprios fun-

2 Cf. Gould (1977, p.207-13; 1987, p.111).

damentos do materialismo histórico.³ Esses esforços se focalizaram inicialmente em Marx, mas também consideraram as contribuições ecológicas de Engels. Isto foi reforçado pelo renovado projeto MEGA (*Marx-Engels Gesamtausgabe*), onde os cadernos de ciência natural de Marx e Engels foram publicados pela primeira vez. O resultado foi uma revolução no entendimento da tradição marxiana clássica, em grande parte repercutindo uma nova e radical práxis ecológica que evoluiu a partir da atual crise de nossa época (tanto econômica quanto ecológica).

O crescente reconhecimento das contribuições de Engels para a ciência, ao lado da emergência do marxismo ecológico, reviveu o interesse pela *Dialética da natureza* de Engels, ao lado de seus outros escritos relacionados à ciência natural. Muitas das minhas próprias pesquisas desde 2000 (para um livro prestes a ser concluído) tiveram foco na relação de Engels – e outros influenciados por ele – para a formação de uma dialética ecológica. A este respeito, não estou sozinho. O economista político e marxista ecológico Elmar Altvater publicou recentemente um livro em alemão tratando da *Dialética da natureza* de Engels.⁴

A defesa do quanto Engels é indispensável para a crítica do capitalismo contemporâneo está enraizada na sua famosa tese no *Anti-Dühring*, que diz: “A natureza é a prova da dialética” (Engels, 1959, p.36-37 [2015, p.51]). Esta [tese] fora frequentemente ridicularizada pela filosofia marxista ocidental. Todavia, a tese de Engels, refletindo sua própria e profunda análise dialética e ecológica, pode ser traduzida no linguajar atual por: *Ecologia é a prova da dialética* – uma proposição que poucos estariam preparados para negar. Visto desta maneira, é fácil entender por que Engels assumiu uma posição de destaque nos debates ecossocialistas contemporâneos. Trabalhos no marxismo ecológico comumente citam como motivo condutor (*leitmotif*) as famosas palavras de alerta da *Dialética da natureza*:

Não vamos, contudo, nos lisonjear demasiadamente a respeito dos relatos de nossas vitórias humanas sobre a natureza. Para cada uma destas vitórias a natureza se vinga sobre nós. Cada vitória, é verdade, no primeiro momento traz consigo os resultados por nós esperados, porém, no segundo e terceiro momentos estes têm efeitos muito diferentes e imprevisíveis, que frequentemente cancelam o primeiro [...]. Assim, a cada passo somos lembrados de que nós não governamos de modo algum a natureza tal como um conquistador governa um povo estrangeiro, tal como alguém situado fora da natureza – mas, que nós, com carne, sangue e cérebro, pertencemos à natureza e existimos em seu meio e que todo nosso domínio desta consiste no fato de termos a vantagem sobre todas as outras criaturas por sermos aptos a aprender suas leis [da natureza] e aplicá-las corretamente. (Marx; Engels, 1975, p.460-461)

3 Cf. Benton (1989, p.51-86); Burkett (2014). Ler também Foster (2000).

4 Ler a resenha de *Engels neu entdecken* de [Elmar] Altvater por Palle Rasmussen (2016).

Para Engels, como para Marx, a chave para o socialismo era a regulação racional do metabolismo da humanidade e da natureza, de tal forma a promover o máximo possível do potencial humano, salvaguardando as necessidades das futuras gerações. Não impressiona, então, que estejamos vendo, no século XXI, o retorno de Engels, que ao lado de Marx continua a justificar as lutas e inspirar as esperanças que definem nosso tempo crítico e, necessariamente, revolucionário.

Referências bibliográficas

- AVELING, Eleanor Marx. *Frederick Engels*. In: INSTITUTE of Marxism-Leninism, Reminiscences of Marx and Engels. Moscow: Foreign Languages Publishing House, s.d.
- BENTON, Ted. Marxism and natural limits, *New Left Review*, n.178, 1989, p.51-86.
- BURKETT, Paul. *Marx and Nature*. Chicago: Haymarket, 2014.
- CARVER, Terrell. Marxism as method. In: BALL, Terence; FARR, James (eds.). *After Marx*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- _____. [Resenha de Karl Marx, de Gareth Steadman Jones.] *Marxism and Philosophy Review of Books*, 28 set. 2016b. Disponível em: <<http://marxandphilosophy.org.uk>>.
- _____. Terrell Carver Recommends the Best Books on Marx and Marxism, 4 ago. 2016a. Disponível em: <<http://fivebooks.com>>.
- ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*. 2.ed. Moscow: Foreign Languages Press, 1959. [Ed. bras.: ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring*. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2015.]
- FOSTER, John Bellamy. *Marx's Ecology*. New York: Monthly Review Press, 2000.
- GOULD, Stephen Jay. *An Urchin in the Storm*. New York: Norton, 1987.
- _____. *Ever Since Darwin*. New York: Norton, 1977.
- LEWONTIN, Richard; LEVINS, Richard. *The Dialectical Biologist*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985.
- LUKÁCS, Georg. *History and Class Consciousness*. London: Merlin, 1968. [Ed. bras.: *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.]
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Collected Works*. New York: International Publishers, 1975, v.25.
- McLELLAN, David. *Friedrich Engels*. Harmondsworth: Penguin, 1977. [Ed. bras.: *As ideias de Engels*. São Paulo: Cultrix, 1979.]
- _____. *Karl Marx: His Life and Thought*. New York: Harper and Row, 1973. [Ed. bras.: *Karl Marx, vida e pensamento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.]
- RASMUSSEN, Palle. [Resenha de Engels neu entdecken, de Elmar Altvater.] *Marxism and Philosophy Review of Books*, 6 ago. 2016.
- STANLEY, John L. *Mainlining Marx*. New Brunswick, NJ: Transaction, 2002.
- SWEETZ, Paul M. *Four Lectures on Marxism*. New York: Monthly Review Press, 1981.
- THOMPSON, E. P. *The Poverty of Theory*. New York: Monthly Review Press, 1978. [Ed. bras.: *A miséria da teoria: ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.]
- WAITZKIN, Howard. *The Second Sickness*. New York: Free Press, 1983.

Resumo

Este artigo aborda a relação de colaboração entre Friedrich Engels e Karl Marx e o papel de Engels para o marxismo.

Palavras-chave: Ecologia; história; marxismo; ecologia marxista.

Abstract

This article deals on the collaboration between Friedrich Engels and Karl Marx and Engels' role to the Marxist thought.

Keywords: Ecology; history; marxism; marxist ecology.